



A REPRESENTAÇÃO DO BRASILEIRO NA OBRA *REPRODUÇÃO* (2013), DE BERNARDO CARVALHO

Angela de Lima Furtuoso Duarte

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar a representação da figura do brasileiro no romance contemporâneo *Reprodução* (CARVALHO, 2013), de Bernardo Carvalho. A representação dessa figura está inserida e relacionada a uma época em que há excesso de informações e discursos, por meio das chamadas redes sociais. No entanto, paradoxalmente, há também uma grande carência de conhecimento e profundidade sobre os diversos temas abordados nas "redes". Como resultado deste trabalho, pretendemos demonstrar, a partir da análise da obra estudada, a construção e o ponto de vista do narrador sobre a figura do brasileiro na contemporaneidade tecnológica, contraditório e sem consciência de seus próprios preconceitos, que aparecem em seu discurso sem que ele se dê conta. Para isso, analisaremos o personagem principal do livro, sem nome, que aparece apenas como o "Estudante de chinês", um frequentador assíduo da "rede" e um típico comentarista de *blogs*. Nessas circunstâncias, o personagem fala sobre todo e qualquer assunto de forma superficial e apressada, muitas vezes de modo preconceituoso, racista, homofóbico e contraditório, tendo como base para seu discurso somente portais e *blogs* de procedência duvidosa. Como suporte a esta análise, recorreremos a autores como Giorgio Agamben (2009), acerca do que é o contemporâneo, Regina Dalcastagnè (2005), a respeito da representação na narrativa brasileira contemporânea, e Karl E. Schollhammer (2011), acerca da Ficção brasileira, entre outros.

Palavras-chave: Bernardo Carvalho; Literatura Brasileira; Romance contemporâneo; representação.

ABSTRACT

The objective of this work is to analyze the representation of the Brazilian figure in the contemporary novel *Reprodução* (2013), by Bernardo Carvalho. The representation of this figure is inserted in and related to a time when there is too much information and discourse, through the so-called social networks. Nonetheless, paradoxically, there is also great lack of knowledge and depth on the various topics approached in the "networks". As a result of this work, we aim to demonstrate, from the analysis of the previously mentioned novel, both the narrator's construction and point of view on the Brazilian figure in technological contemporaneity, which are not only contradictory but also unaware of their own prejudices and unconsciously appear in their discourse. In order to do so, we are to examine the main character of the aforementioned novel, who is unnamed and addressed as "O Estudante de Chinês" (The Chinese Student), a regular visitor to the "network" and a typical blog commentator. Under such circumstances, the character talks about any and all matters in a superficial and hurried way, often in a prejudiced, racist, homophobic and contradictory manner, founding their discourse on portals and blogs of suspicious origin. To support this analysis, we rely on authors like Giorgio Agamben (2009), about what contemporary is, Regina Dalcastagnè (2005), regarding representation in contemporary Brazilian narrative, and Karl E. Schollhammer (2011), as for Brazilian Fiction, among others.

Keywords: Bernardo Carvalho; Brazilian Literature; Contemporary romance; Representation.



Angela de Lima Furtuoso Duarte é acadêmica do curso de Letras Português/Literatura da Universidade Federal de de Mato Grosso do Sul. E-mail: angeladellima@gmail.com

INTRODUÇÃO

Neste trabalho será abordada a representação do brasileiro no romance contemporâneo *Reprodução*, de Bernardo Carvalho, publicado em 2013. Para tanto, serão discutidos o conceito de contemporâneo, algumas características importantes da literatura brasileira contemporânea que aparecem na obra do autor e o conceito de representação na literatura. Também faremos uma breve apresentação sobre o autor, sobre o qual ainda há poucas referências críticas.

Um dos objetivos deste trabalho, além da análise propriamente dita, é estimular a reflexão sobre o uso sem crítica das mídias sociais e a pouca profundidade sobre os assuntos sobre os quais opinamos ou que reproduzimos na “rede” ou nas rodas de amigos. Essa reflexão partirá dos conhecimentos que a literatura, no caso o romance selecionado para análise, projeta sobre as coisas para a construção do nosso olhar crítico sobre o tempo em que nos inserimos.

Em um primeiro momento, serão discutidas as referências teóricas, abordando alguns temas já apontados anteriormente, assim como uma breve reflexão sobre as chamadas “fake news”, importantes para entender a fala do personagem. O item 2 será dedicado à análise propriamente dita, em que buscaremos demonstrar a contemporaneidade da representação do brasileiro por meio desse personagem cujo discurso se mostra tão familiar ao leitor do presente. Nas conclusões, apresentaremos nossas reflexões sobre o resultado da construção do narrador a respeito da figura do brasileiro na contemporaneidade tecnológica e suas implicações para uma visão crítica da sociedade.

1 ALGUMAS REFLEXÕES CRÍTICAS SOBRE O TEMA

Este trabalho apresenta como tema a análise sobre a representação da figura do brasileiro na contemporaneidade tecnológica, contraditório e sem consciência de seus próprios preconceitos, que aparecem em seu discurso sem que ele se dê conta, especificamente no romance *Reprodução* (CARVALHO, 2013).

Para melhor compreensão das questões que nos propomos a abordar no romance, é necessário esclarecer que essa figura contraditória e sem consciência de seus preconceitos está inserida e relacionada a uma época em que há excessos de informações e discursos, por meio das chamadas “redes sociais”. No entanto, paradoxalmente, apesar desse excesso, há também uma grande carência de conhecimento realmente embasado em dados comprovados, ou seja, o que se vê é que em geral há pouca profundidade sobre os diversos temas abordados na “rede”, restando ao leitor preocupado em formar uma visão crítica recorrer às mais diversas fontes.

Além disso, um fenômeno importante contemporâneo são as chamadas “fake news”, notícias falsas produzidas com o intuito de transformar boatos sem qualquer confirmação em notícias. As *fakes news* não têm a menor dificuldade de se propagar, haja vista a pouca preocupação e reflexão dos internautas sobre duvidar da notícia e checar às fontes e a sua veracidade antes do compartilhamento. Conforme vemos no site “Comunicação e Crise” (FORNI, 2017), o termo usado nas redes sociais se popularizou e passamos a ver e a ouvir com frequência na TV e no rádio durante as eleições do presidente norte americano Donald Trump o qual se passou a classificar como *fake news*: toda informação que fosse contrária a sua proposta de governo. Nesse caso, a notícia verdadeira era tida por ele como *fake* para



descredenciar as informações fornecidas por seus opositores.

Com o advento tecnológico, houve uma grande transformação na nossa sociedade, pois mudaram os hábitos da população em relação às formas de produção e consumo, de trabalho, de se relacionar, comunicar e se informar. A tecnologia possibilitou estarmos conectados, produzindo e recebendo informações em tempo real, 24 horas por dia, e isso traz grandes implicações sociais.

Em 2013, ano da publicação do romance em estudo, no Brasil, aproximadamente 86,7 milhões de pessoas acessaram a internet e mais da metade dos brasileiros estavam conectados, segundo dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A proporção de internautas no país passou de 49,2%, em 2012, para 50,1%, em 2013, do total da população (IBGE, 2013). Essas informações fazem parte da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) referente a 2013.

Baseando-se nos dados citados, conseguimos dimensionar o contexto tecnológico em que a obra foi produzida e o quão grande era o uso das mídias sociais já durante esse período. Ao analisar esses dados sobre o crescimento de acessos à internet, é inevitável não pensar na qualidade das informações que circulam e na forma com que as informações disponíveis na “rede” são assimiladas pelos internautas. Será que, em meio ao excesso e à oferta na rede, há uma preocupação com veracidade da informação? Será que os internautas refletem sobre o material lido, buscam se aprofundar sobre os temas antes de compartilharem nas suas redes sociais ou reproduzem nas rodas de conversas ou têm consciência do seu discurso ao manifestar ou reproduzir suas opiniões sobre os mais variados assuntos? A leitura desse romance contemporâneo nos permitirá, mais adiante, inferir algumas conclusões sobre essas questões. Entretanto, antes vamos discutir o que é ser contemporâneo e apresentar algumas

características da literatura brasileira contemporânea.

2 O QUE É O CONTEMPORÂNEO?

Quando falamos em ser contemporâneo é quase que unânime a associação imediata a algo que pertence à época presente; entretanto, ser contemporâneo vai além de ser somente um indivíduo do nosso tempo.

Segundo Agamben (2009), não é somente pertencer à sua época, coincidindo perfeitamente com seu tempo, sem questionar, sem refletir, mas é pertencer ao seu tempo e conseguir manter fixo o olhar sobre ele. Ser contemporâneo é, assim, ser crítico, capaz de enxergar não as luzes, mas as trevas existentes neste tempo, conseguindo perceber e aprender com a sua obscuridade:

A contemporaneidade [...] é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias [...]. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela (AGAMBEN, 2009, p. 59).

Contemporâneo é não se manter inerte diante dos problemas do seu tempo, aceitando de forma passiva tudo o que acontece a sua volta.

Assim como o conceito de que ser contemporâneo não é necessariamente, ou somente, pertencer e estar sintonizado com seu tempo, o de literatura brasileira contemporânea também não se refere apenas à produção ficcional produzida neste momento histórico, pois os contemporâneos deixam seu testemunho inclusive para o futuro. Conforme os críticos, a literatura contemporânea é uma literatura direta, sem rodeios, que tem urgência, que chega e se impõe. Segundo Schollhammer (2011), o escritor contemporâneo tem a



urgência de se relacionar com a realidade histórica, porém tem a consciência da impossibilidade de captá-la:

Uma escrita que tem urgência, que realmente “urge”, que significa, segundo o Aurélio, que se faz sem demora, mas também que é eminente, que insiste, obriga e impele [...]. Ao mesmo tempo, trata-se de uma escrita que age para “se vingar”, [...] “vingar”, como uma escrita que *chega a, atinge* ou *alcança* o alvo com eficiência (SCHOLLHAMMER, 2011, p.11).

Não se pode cometer o equívoco de pensar que, com a urgência explicitada acima, a produção literária contemporânea seja construída de forma apressada e mal elaborada. A urgência pode ser vista como uma sensibilidade acerca da dificuldade de lidar com o real, como um anacronismo no sentido em que Agamben (2009) afirma que o verdadeiro contemporâneo possui, pois não coincide completamente com seu tempo. Schollhammer (2011, p. 110), por sua vez, defende que os escritores “perceberam na literatura um caminho para se relacionar e interagir com o mundo nessa temporalidade de difícil captura”.

A literatura brasileira contemporânea se constitui de um certo realismo, mas não o realismo tal qual foi o movimento literário do século XIX. Esse é um “realismo literário numa literatura que lida com os problemas do país e que expõe as questões mais vulneráveis do crime, da violência, da corrupção e da miséria” (SCHOLLHAMMER, 2011, p. 14). Dessa forma, a literatura brasileira contemporânea fala dos problemas sociais, não só dando ênfase à realidade externa, mas privilegiando especialmente a dimensão íntima e pessoal do indivíduo.

O autor contemporâneo busca, por meio das suas narrativas, a representação do real, fazendo uso, conforme Mata (2011), do processo de tornar presente o ausente, e nesse processo de representação o autor usa de dois

elementos: o referente e a representação do referente, presumindo um agente que a elabore e um público que reconheça e ligue aquela representação de fato ao referente. As narrativas contemporâneas, em geral, fazem uso da representação simbólica e da descritiva, sendo que a primeira se refere à imposição de significado da representação gráfica “ou [a]o repertório cultural sobre o qual repouse a significação de um signo” (MATA, 2011, p. 17). A outra diz respeito à descrição mais precisa possível do seu referente. Segundo Mata (2011), o autor contemporâneo escreve fazendo uso do personagem como procurador das suas ideias, utilizando pessoas (homem, mulher) do mundo real nas suas representações:

[...] O autor, dono de uma perspectiva social própria que norteia e limita seu processo criativo, recria a perspectiva social de seus narradores, e estes as de suas personagens. Sempre com a figura do escritor por trás, o que temos são relatos de vozes diversas, portadoras de perspectivas sociais definidas nos próprios textos que, juntamente com o mundo referencial, compõem a base dos elementos que o leitor terá para organizá-lo (MATA, 2011, p. 20).

Bernardo Carvalho é um nome de destaque no cenário literário brasileiro contemporâneo. O autor nasceu no Rio de Janeiro em 1960 e é romancista, contista, jornalista, tradutor e crítico literário. Graduado em jornalismo pela PUC/RJ, foi correspondente internacional em Paris e Nova York e concluiu mestrado em cinema ECA/USP (AIRES, 2014). Publicou seu primeiro livro, *Aberração*, em 1993. Atualmente tem doze livros publicados, pelos quais ganhou três prêmios: o Portugal Telecom, de 2003 (por *Nove Noites*, de 2002), o prêmio Jabuti, de 2004 (por *Mongólia*, de 2003) e em 2014 novamente recebeu o prêmio Jabuti por *Reprodução*, publicado em 2013 (AIRES, 2014).

É considerado um dos melhores ficcionistas brasileiros contemporâneos,



conforme vemos na crítica de Karl Erik Schollhammer: “um dos autores jovens de maior sucesso nos últimos anos, Bernardo Carvalho. Escreveu seu primeiro livro de contos, *Aberração*, em 1993, e nos últimos anos se consolidou como um dos principais escritores jovens com vários títulos [...]” (SCHOLLHAMMER, 2011, p. 34).

Exatamente por ser um autor que começou a publicar recentemente, apesar de já ter uma carreira de sucesso com várias publicações e prêmios, há poucas referências críticas sobre a obra de Bernardo Carvalho.

Conforme Schollhammer, a produção ficcional de Carvalho é uma mistura do real com o ficcional, pois “incorpora os fatos históricos na construção do seu romance” (SCHOLLHAMMER, 2011, p. 125). Assim, na obra do autor, a realidade é um ponto de partida para produzir a ficção, mas esta almeja produzir realidade ou interferir criticamente em seu tempo: “Carvalho enlaça, assim, uma pesquisa real, sustentada por documentos, notícias, experiência própria, depoimentos de personagens reais e fatos históricos com o poder de invenção ficcionista” (SCHOLLHAMMER, 2011, p. 127).

Um exemplo do real como base para a ficção é o romance *Mongólia* (2002). Para sua elaboração, o autor viajou à Mongólia em 2002, contemplado com uma bolsa concedida pela editora portuguesa Cotovia, em parceria com a Fundação Oriente de Lisboa, com o objetivo de produzir um texto sobre o país, conforme Alves (2003).

Assim, Bernardo Carvalho usa sua narrativa para representar o real e, por meio da sua construção ficcional, provocar a reflexão sobre hábitos, costumes, valores da sociedade que, de tão corriqueiros, são tidos como comuns e aceitos de forma passiva, sem questionamentos.

Para melhor compreensão do que seja representação na literatura, recorremos ao

Dicionário de *Narratologia*, de Carlos Reis e Cristina Lopes (2007), segundo o qual a representação é um:

Termo afectado por uma certa polissemia, em parte suscitada pela sua vasta projecção no campo dos estudos literários, a representação remonta, enquanto conceito a definir, às reflexões platónicas e aristotélicas sobre os procedimentos imitativos adoptados pelos discursos de índole estético-verbal (REIS; LOPES, 2007, p. 354).

De acordo com o *Dicionário de Termos Literários* (CEIA, 2010), a representação está relacionada à *mimesis*, ou seja, ao ato de imitar, imitar o real:

MIMESIS OU MIMESE - Do gr. *mimesis*, “imitação” (*imitatio* em latim), designa a acção ou faculdade de imitar; cópia, reprodução ou representação da natureza, o que constitui, na filosofia aristotélica, o fundamento de toda arte. Heródoto foi o primeiro a utilizar o conceito e Aristófanes, em *Tesmofórias* (411), já o aplica. O fenômeno não é um exclusivo do processo artístico, pois toda actividade humana inclui procedimentos miméticos como a dança, a aprendizagem de línguas, os rituais religiosos, a prática desportiva, o domínio das novas tecnologias, etc. Por esta razão, Aristóteles defendia que era a *mimesis* que nos distinguia dos animais [...] (CEIA, 2010)

No entanto, é necessário ressaltar que a imitação do real, nesse caso, é a representação do que se julga ser o real, que é visto e rerepresentado segundo um determinado ponto de vista, o do autor e dos personagens que ele constrói. Por isso, a representação nunca será o real, neutra, pois está impregnada de determinada visão de mundo. Segundo Mata (2011), o autor apresenta e representa sua própria visão de mundo, oferecendo ao leitor outras perspectivas do mundo.



3 A REPRESENTAÇÃO DO BRASILEIRO NA OBRA *REPRODUÇÃO* (2013)

Partindo do pressuposto de que a representação supõe uma visão do real segundo determinada visão, a seguir apresentaremos trechos que ajudam a ilustrar como se configura a construção e o ponto de vista do narrador sobre a figura do brasileiro na contemporaneidade tecnológica, um sujeito contraditório e sem consciência de seus próprios preconceitos. Para isso, analisaremos o personagem principal do livro, sem nome, que aparece apenas como o “Estudante de chinês”, um frequentador assíduo da “rede” e um típico comentarista de *blogs*. O personagem fala sobre todo e qualquer assunto de forma superficial e apressada, muitas vezes de modo racista, preconceituoso, homofóbico e contraditório, tendo como base, somente, portais e *blogs* de procedência duvidosa da internet.

Já no início o narrador nos apresenta essa figurada assim: “tudo começa quando o estudante de chinês decide aprender chinês. E isso ocorre precisamente quando ele passa a achar que a própria língua não dá conta do que tem a dizer” (CARVALHO, 2013, p. 9).

Logo na primeira página o narrador nos apresenta o personagem, o estudante de chinês, como um sujeito que vive entre a realidade e a paranoia. Ele acredita que sua língua não dá conta de dizer o que se tem a dizer e por essa razão resolve aprender chinês, mesmo que isso lhe pareça impossível, e que a China dominará o mundo. Quando isso acontecer, o personagem avalia que estará em vantagem sobre os demais.

Em seguida começamos a ver um pouco mais sobre a construção da personalidade do estudante de chinês, que é uma pessoa insatisfeita com a vida que leva nos últimos anos, desempregado e divorciado:

O estudante de chinês está a caminho da China justamente para escapar ao inferno dos

últimos sete anos, seis deles divorciado, desempregado e estudando chinês, quando depara, na fila do check-in, com a professora de chinês desaparecida dois anos antes [...] (CARVALHO, 2013, p. 9).

Visto que a sua é uma vida ociosa, seu passatempo favorito é acompanhar colunistas, ler *blogs* e expressar opiniões sobre os assuntos que circulam na rede. É nesse ambiente virtual que o estudante se sente à vontade para obter e tecer comentários sobre os mais variados assuntos, convicto de ser uma pessoa bem informada e qualificada para opinar sobre tudo: “desde que a professora desaparecera, o estudante de chinês, que nos últimos anos transformara os comentários anônimos na internet, e em especial os hediondos, em sua principal atividade diária [...]” (CARVALHO, 2013, p. 10). No trecho a seguir vemos o quanto é vasto o leque de temas abordados no discurso apressado do personagem, pois ele fala desde em comércio exterior até facções criminosas. Notamos aí um discurso superficial desconexo e com informações *fakes*, falsas, sem que o personagem se dê conta:

Comércio exterior, importação-exportação. O senhor sabe que daqui a uns anos, se for pra seguir as previsões dos economistas, o ‘cenário’ [ele faz o gesto das aspas com as mãos], não é assim que se fala? o ‘cenário’ vai ser a China, maior economia do mundo? O senhor não leu que eles estão até pensando em instalar uma célula do pcc na estação espacial chinesa, com membros que vão ter no espaço as mesmas atribuições que eles têm aqui na Terra? [...] (CARVALHO, 2013, p. 16).

Quase sem parar para respirar, com seu repertório amplo, ele muda de assunto, resolve falar sobre aparelho de surdez e da sonoridade da língua chinesa, da qual, em seis anos de curso, ele não conseguiu aprender nada. Seu discurso é repleto de termos usados na internet, tal como o “curti” abaixo:



Com relação ao interlocutor, o delegado que o interroga, o personagem faz vários comentários, avaliando que ele, o delegado, não é bem informado: “O senhor tem um jeito gozado de falar. Não, mas o vocabulário não seria um pouco anacrônico? Ah, vai! Claro que sabe! Ultrapassado [...]” (CARVALHO, 2013, p. 16).

Em certo momento, o personagem fala sobre religião e questiona seu interlocutor se ele não leu na internet sobre o assunto, reforçando mais uma vez quais são as fontes de todo seu conhecimento, ou seja, os colunistas, articulistas, redatores de *blogs* etc.:

O senhor não leu sobre a ‘partícula de Deus’? [O estudante de chinês faz o gesto das aspas com as mãos.] Não é assim que eles chamam? Quem? Os físicos! Os físicos e os colunistas e os articulistas e os repórteres! Partícula de Deus! Shenmi. Em chinês, claro, pra todo mundo entender [...]” (CARVALHO, 2013, p. 17).

No trecho a seguir, ele afirma não só participar com comentários sobre o que lê, mas também produz textos a partir disso: “EU sempre escrevo pra seção do leitor. Eu também tenho um blog. Estou no Facebook. Tenho muita opinião. E seguidores” (CARVALHO, 2013, p. 33).

Na sequência, o personagem questiona o delegado se ele não leu sobre o assunto. Seu questionamento soa como uma crítica ao interlocutor, que não acompanha os mesmos meios de informações que ele, que não se “informa” como ele. “O senhor não leu? Deu no jornal e eu guardei, de cabeça, é claro, posso repetir de cabeça, mas também tenho aqui, anotado, onde foi que eu pus? Ah! Aqui está, copiei [...]” (CARVALHO, 2013, p. 17).

Desse modo, o narrador vai, lentamente, delineando o perfil de um personagem muito familiar a todos nós, aquele sujeito que passa boa parte do seu dia nas redes sociais, recebendo os mais variados tipos de notícias

sobre o cenário brasileiro e mundial, construindo, assim, seu repertório de informações amplo. Entretanto, as informações, como vimos, muitas vezes, são superficiais ou mesmo falsas e equivocadas, as quais ele reproduz, acrescentando opiniões:

Leio blog. Acompanho. Sei do que estou falando. Leio os colunistas. É! Colunistas de jornal, sim, senhor. Colunistas, articulistas, cronistas. Revista, jornal, blog. Gente preparada, que fala com propriedade, porque sabe o que está dizendo (CARVALHO, 2013, p. 38).

Seus alvos de crítica são amplos também: “os islamitas me dão arrepios. Mulher de véu, burca. Sou um cara da alegria, do samba. A beleza da mulher é pra mostrar” (CARVALHO, 2013, p. 31).

No entanto, a despeito do que transparece em seu discurso, a visão que o personagem tem de si mesmo é bem outra: “não sou racista nem preconceituoso. Só não gosto do que é errado” (CARVALHO, 2013, p. 39).

Na citação acima e nas outras reproduzidas abaixo, podemos constatar o quanto seu discurso é contraditório: “brasileiro é burro”; “Agora fica aí gay e lésbica alemã adotando criança chinesa” (CARVALHO, 2013, p. 35); “e os meninos de trancinhas igual aos pais?” (CARVALHO, 2013, p. 139); “depois o mundo fica cheio de gay e ninguém sabe o porquê” (CARVALHO, 2013, p. 40); “dos pretos carregando aquelas gordas refesteladas em liteiras? Não tem nada mais injusto do que gordo” (CARVALHO, 2013, p. 42).

Ao longo da narrativa encontramos diversas vezes a fala abaixo, que ele usa para justificar que não é racista nem preconceituoso, pois, afinal, é brasileiro e por isso não tem como ser racista, tampouco preconceituoso, como se esses aspectos fossem mutuamente excludentes. “Não, já disse que não sou racista [...]. Sou brasileiro” (CARVALHO, 2013, p. 29)



Outro fato relevante a ressaltar para esta análise diz respeito à estrutura do texto, que ajuda na construção do personagem, já que o romance todo está em forma de um diálogo, virtual monólogo, pois encontramos ali apenas a voz do estudante de chinês. As perguntas do interlocutor ficam subentendidas por meio das suas respostas e o livro tem pouquíssimos parágrafos, como se fosse para ser lido em um fôlego só. Essa estrutura nos remete à fala de uma pessoa que fala, fala, fala, apressadamente, sem pensar e sem ouvir o outro.

O estudante de chinês se mostra um anti-intelectual, ou seja, não se aprofunda e nem faz nenhuma reflexão antes de se pronunciar. O personagem não tem nome e é identificado apenas como “Estudante de chinês”, como se o narrador o classificasse como um estudante de chinês qualquer, ou um brasileiro qualquer. O personagem representa o típico usuário da “rede”, que é constantemente bombardeado por informações “rasas”, mas que julga serem fontes de conhecimentos incontestáveis.

CONCLUSÕES

Ao final da análise da obra, ressaltamos, primeiro, a atualidade do olhar de Bernardo Carvalho sobre a contemporaneidade tecnológica, sua crítica presente ali sobre o uso indiscriminado das mídias sociais, mais uma vez partindo da realidade para produzir a ficção e usando a ficção para estimular a reflexão sobre a realidade.

Na obra percebemos a construção e o ponto de vista do narrador sobre a figura do brasileiro na contemporaneidade tecnológica, contraditório e sem consciência de seus próprios preconceitos, que aparecem em seu discurso.

O estudante de chinês representa o brasileiro na contemporaneidade tecnológica como um sujeito que se julga conectado, bem informado, globalizado, detentor de saberes

sobre os mais variados assuntos e por essa razão se sente à vontade para falar da política interna, situação econômica nacional e internacional, religião, gays, negros, gordos etc. No entanto, não parece ter consciência de que apenas reproduz discursos prontos, atravessados por preconceitos variados. Haja vista sua pouca profundidade de reflexão, não é capaz de construir sua própria opinião sobre os fatos, ficando restrito somente à reprodução dos comentários superficiais e dos boatos disseminados e disponíveis na rede.

Apresenta um discurso contraditório, pois, ao mesmo tempo em que dispara uma série de falas preconceituosas e racistas, reafirma-se como brasileiro para justificar que não é racista nem preconceituoso, como se isso fosse uma contradição de termos.

Ao ler a obra, é como se encontrássemos personagens que fazem parte do cotidiano de nosso tempo, pessoas que falam sobre tudo sem o necessário conhecimento embasado, que não aceitam ouvir o outro ou tampouco consideram uma opinião diferente da sua.

No que se refere às redes sociais, o estudante de chinês é um personagem muito atual, pois é aquele sujeito que está constantemente sendo bombardeado de informações acerca dos mais variados assuntos. Entretanto, por preguiça ou falta de vontade, esse sujeito não tem a capacidade de reflexão sobre os assuntos que circulam, não questiona a veracidade da informação disponível e simplesmente reproduz, ou melhor, “compartilha”, sem sequer questionar a origem da notícia (ou boato) a que ele teve acesso.

Dessa forma, *Reprodução*, de Bernardo Carvalho, cumpre, assim, uma das funções mais urgentes da literatura contemporânea: questionar nossos comportamentos por meio de personagens e enredo e projetar a esperança de que o leitor reflita sobre a realidade que o cerca a partir do romance que leu.



REFERÊNCIAS

FORNI, João Paulo. "Fake News": ameaça à credibilidade da mídia e à democracia. In: FORNI, João José. **Comunicação e Crise**. Brasília: João José Forni, 22 fev. 2017. Disponível em: www.comunicacaoecrise.com/site/index.php/artigos/983-fake-news-ameaca-a-credibilidade-da-midia-e-a-democracia. Acesso em: 24 out. 2019.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.

AIRES, Leomares *et al.* Dicionário de tradutores literários no Brasil. In: RASSIER, Luciana. **Bernardo carvalho**. [S. l.]: UFSC, 21 out. 2019. Disponível em: dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/BernardoCarvalho.htm. Acesso em: 10 jan. 2019.

AIRES, Leomaris. Bernardo Carvalho. In: RASSIER, Luciana. **Dicionários de tradutores literários no Brasil**. [S. l.], 21 out. 2014. Disponível em: dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/BernardoCarvalho.htm. Acesso em: 10 out. 2019.

BRASIL, Legado. TELECOMUNICAÇÕES. In: **IBGE: Metade dos brasileiros teve acesso a internet em 2013**. [S. l.], 22 dez. 2017. Disponível em: <http://legado.brasil.gov.br/noticias/infraestrutura/2014/09/ibge-metade-dos-brasileiros-teve-acesso-a-internet-em-2013>. Acesso em: 16 out. 2019.

CARVALHO, Bernardo. **Reprodução**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

CEIA, Carlos. Mimesis ou mimese. In: CEIA, Carlos. **E-Dicionário de Termos Literários**. Disponível em: <http://www.edtl.com.pt/>. Acesso em: 13 out. 2019.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Entre fronteiras e cercado de armadilha: problemas da representação na narrativa brasileira**

contemporânea. Brasília: Editora Universidade de Brasília: Finatec, 2005.

DALCASTAGNÈ, Regina; LEAL, Virgínia M. Vasconcelos (org.). **Espaço e gênero na literatura brasileira contemporânea**. Porto alegre: Zouk, 2015.

MATA, Anderson Luís Nunes. Representação e responsabilidade na narrativa brasileira contemporânea: a ética da representação: introdução. In: DALCASTAGNÈ, Regina; THOMAZ, Paulo C. (org.). **Pelas margens: representação na narrativa brasileira contemporânea**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2011, p. 15-39.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de Narratologia**. 7. ed. Coimbra: ALMEDINA. 2007, p. 354 -355.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

VELLOSO, Luiz Roberto, MOREIRA, Maria Eunice (org.). **Questões de Crítica e historiografia literária**. Porto Alegre: Nova Prova, 2006.

Como citar este artigo (ABNT NBR 60230)

DUARTE, A. L. F. A representação do Brasileiro na obra *Reprodução* (2013), de Bernardo Carvalho. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, v. 7, n. 1, p. 146-154, 2020.